

O Pacato Cidadão Hugo Waldemar

Description



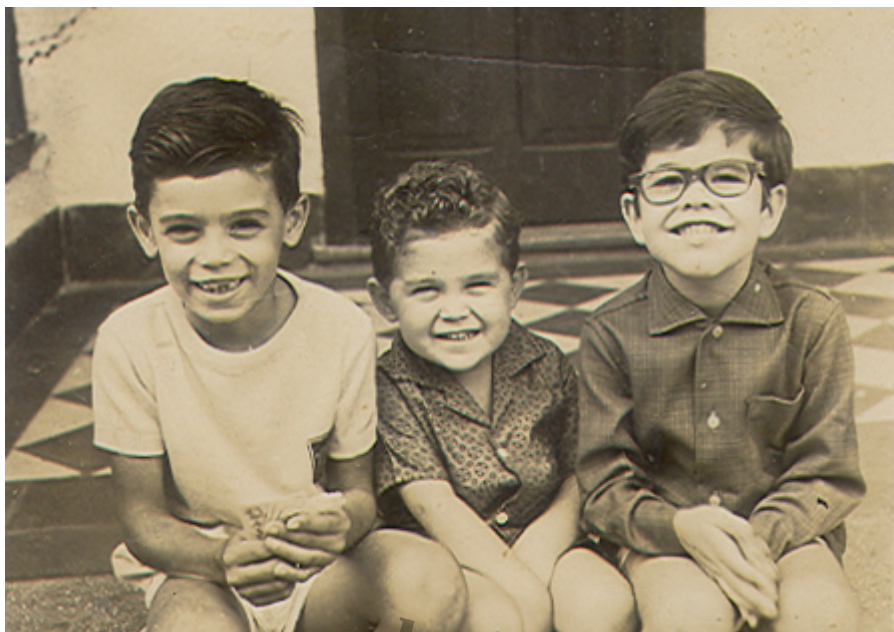
Encerrei o ano de 2017 me despendido de um tio querido. Dia 30, fomos levá-lo à sua última morada. No caminho até o mausoléu dos Sã Freire (lado paterno), no cemitério de São Francisco Xavier, enquanto nos dirigíamos às aléias onde se encontra o jazigo da família, um primo, Claudio Acir Freire Ferreira (que tem entre nós a alcunha chistosa de Matusalém), fez o comentário pertinente: “Era um tio gente boa”. Não poderia concordar de maneira mais definitiva e inapelável.

Se formou em engenharia elétrica e foi funcionário da Light até que a aposentadoria chegasse. Às vezes, era possível encontrá-lo no meio da tarde em uma das caminhonetes da empresa, parado em alguma rua da Tijuca fazendo reparo na rede elétrica da cidade. Em casa, tinha o seu cantinho em que tratava de consertar os rádios e aparelhos eletrônicos de quem precisasse.

Estava sempre ouvindo sua música. Era um apaixonado pela mais célebre música italiana. Não gostava de nenhum outro estilo musical e seu fascínio era sem pose. Ouvia no refúgio do lar e nunca teve o desejo de frequentar casas famosas que prestigiam o canto lírico, como o Theatro Municipal, por exemplo. O Scala então, nem pensar. Além disso, nunca demonstrou interesse em sair do país, nem pra passear, pra nada. Só o futebol o levava ao Maracanã e as corridas de cavalo ao Jockey Club, e assim mesmo sem o gosto extremado de alguns de seus muitos irmãos.



Como tinha, junto com tia Maria Solange, sua esposa de toda a vida, dois filhos de idade próxima à minha (teriam depois mais uma filha), eles me adotaram como um terceiro integrante do núcleo familiar. Eu era um filho postíço com as regalias e privilégios desta condição. Na hora da bronca, acabava poupado. Meu tio possuía uma paciência de Jó com a gente. Quando penso no que fazíamos, fico pasmo: lutávamos telecatch em cima da cama de casal (era o nosso ringue), jogávamos futebol na sala e, quando estávamos mais calmos, botávamos em cima da mesa de jantar. Eu teria feito com que todos vissem o "China seco" em dois tempos ("China seco" era o chinelo que meu avô usava, como parte de sua indumentária em par com seu permanente pijama, e com o qual ameaçava as crianças desordeiras).



Meus pais moravam no número 512 da rua Conde de Bonfim, e meu tio Hugo bem perto, na rua Conde de Itaguaí, no segundo bloco de um prédio de 5 andares. Ficava ao lado do número 22, onde foi um dia o endereço de meus avós paternos. Religiosos, meus avós observaram talvez com um zelo excessivo o preceito do crescei e multiplicai-vos: trouxeram ao mundo nada menos do que 10 rebentos, 8 filhos e duas filhas. Os meus tios que nasciam durante o ano, viam o mundo pela primeira vez nesta residência de dois andares de meu avô Waldemar e a minha avó Glorita (Maria da Glória) na Tijuca. Os que nasciam depois que o calor chegasse, vinham à luz na casa de Petrópolis, residência de veraneio do casal.



Como o tio Coco (era o seu apelido) nasceu em dezembro, acredito que como meu pai, seja natural de Petrópolis. Todos os tios e seus 28 descendentes, bem como netos e muitos agregados, aproveitaram esta casa enquanto deu. Funcionava como uma colônia de fêmeas servindo café da manhã, almoço e jantar para um mundo de gente. Tinham pessoas responsáveis por cada função: controle da despensa, organização do menu, e até por preparar o cafezinho servido durante a jogatina noturna na casa principal.



Os tios desciam e subiam todos os dias para trabalhar. Quando chegava mais cedo e a tempo de pegar ainda o banho de piscina no final da tarde, tio Hugo comentava: “Kiko, depois de certa idade, pra se entrar na água, sã³ molhando os pulsos e a nuca antes”, e finalizava o comentário com um glorioso mergulho na muito apreciada piscina. De noite, ficãvamos caãsa de um sinal de TV para ver o jogo lento e silencioso do Ademir da Guia, ou de outros craques da bola do perãodo.



Nenhum obra de literária que li foi ambientada nesta residência em Petrópolis. J  vários dos romances de Machado de Assis, não sei bem por qual razão, se passam na minha imagina o na casa que existiu um dia na rua Conde Itaguaí na Tijuca (hoje temos um prédio em seu lugar). Sei que Bentinho viveu infância e adolescência na rua de Matacavalos (ou do Ricahuelo), na Lapa, mas para o leitor dos romances machadianos que vos digita, o caso com Capitu come sou e aconteceu na morada de dois pavimentos de meus avós, com sua escada iluminada por um belíssimo vitral que vazava luz na passagem entre um piso e outro.

Tinha um tanque, um quintal e um terno galinheiro, que, tenho certeza, estão em alguma cr nica de Nelson Rodrigues. Assim como minha tia-av  Guiomar (ou tia Gui ), que, solteira por toda sua existência, foi para mim uma personagem das pe sas m ticas rodriguianas. Passava os dias a tricotar sentada em uma cadeira em uma casa conjuminada   de meus avós (esta casa está lá até hoje na esquina com a rua Carlos de Laet).

Ontem tivemos a missa de sétimo dia na Sagrados Corações na Conde de Bonfim. Trata-se da igreja que, pela proximidade, toda a família frequentava. Foi o lugar em que me preparei para a minha primeira comunhão. Posso jurar que tocou a   Ave Maria  , de Gounod, durante a cerim nia.



Category

1. Hugo Waldemar
2. PetrÃ³polis

Date Created

2018/01/07

Author

kikopedrosa